

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS USOS PARA A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Caroline Martins Ojeda¹

Resumo

Para que possamos desenvolver uma reflexão contundente sobre a História do tempo presente e a produção acadêmica encaminhada por esta, precisamos, necessariamente, situarmo-nos diante das conjunturas nas quais o fazer histórico voltou seus olhos para a história recente, advindas da emergência de demandas sociais, a partir do Pós-Segunda Guerra Mundial. Trataremos então sobre os papéis da memória e da história oral, na medida em que lhes são atribuídos novos objetivos e novas abordagens dentro do contexto da contemporaneidade. Pensamos ainda no desenvolvimento da historiografia contemporânea, na qual se situa a História do tempo presente, e assim, na utilização da memória, enquanto objeto de estudo deste campo, e na configuração de um método específico para a análise deste objeto, captado na forma de oralidade. Sendo assim, a produção historiográfica construída pelo e para o tempo presente apresenta especificidades, ao mesmo tempo em que não se distancia de outros campos históricos.

Palavras-chave: Memória. História oral. Tempo presente.

Abstract

In order that we can develop a compelling reflection on the history of the present and the academic production directed by this, we must necessarily located in from of the historical contexts in which history turned his eyes for recent history, arising from the emergence of social demands from the Post-World War Second. Then deal about the roles of memory and oral history, to the extent that they are assigned new goals and new approaches within the context of contemporaneity. We also think about the development of contemporary historiography, in which the history of the present is located, such as the memory usage, as the object of study of this field, and in the configuration of a specific method for the analysis of this object, captured in the form of orality. Thus, the historical production built by and for the present time exhibit specificities, while that is not far from other historical fields.

Keywords: Memory. Oral history. Present time.

Introdução

O texto que aqui apresentamos é fruto de reflexões que realizamos em torno da relação entre a pesquisa que se nutre do tempo presente, e nele insere suas preocupações. Interessamos também contribuir para com a rede de debates que surgem nas academias brasileiras em torno da questão da memória e da história oral, enquanto meio de fonte e auxílio para a produção de estudos históricos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), vinculada à linha de pesquisa "Fronteiras, identidades e cultura".

Apesar de termos concentrado nossas falas em torno das preocupações da ciência histórica e nos “modos de fazer” desta, cremos que tanto a história oral, entendida como um método de trabalho, assim como a memória, como objeto de estudo, podem auxiliar diversas áreas do conhecimento, e mesmo fora do campo das humanidades, tendo em vista o uso, por exemplo, da história oral e da memória pela Psicologia².

Buscamos enfatizar que as pesquisas realizadas em torno da História do tempo presente vêm angariando cada vez mais espaço e legitimidade dentro das produções históricas, e sendo assim, tornam-se imperativos os debates teóricos e metodológicos, pensando as análises históricas que se valem do presente. Enfim, tencionamos realizar uma discussão em torno das concepções de memória e história oral na contemporaneidade, tendo como orientação o desenvolvimento das práticas de pesquisa e os usos destes meios para a produção da História do tempo presente.

História oral e memória no contexto social da Contemporaneidade

Observamos que tanto a história oral, encarada como um meio sistêmico de pesquisa, quanto a memória, como um objeto de estudo, capaz de aproximar o historiador da temática histórica que estuda - com a captura das reminiscências de outrem - tomam tais definições num contexto histórico datado e de características muito específicas.

Marieta de Moraes Ferreira (2012), tratando dos estudos da história recente, ressalta o aspecto polêmico empregado à História do tempo presente, num constante conflito entre aqueles que a consideram necessária e possível, e os que a condenam por problemas de ordem teórica e metodológica, assim como pela definição de um tempo histórico perigoso: o presente. As críticas quanto ao tempo histórico deste campo historiográfico estaria assim, condenado, pela proximidade do historiador com seu objeto de estudo, colocando-o no papel de juiz, na defesa ou condenação do objeto.

Ferreira percorre a discussão do emprego da história recente na produção histórica desde a História Antiga Clássica, tendo em vista que “Para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos”. (FERREIRA, 2000, p.111). É

² Podemos destacar aqui a obra pioneira da psicóloga Ecléa Bosi “Memória e sociedade: lembrança de velhos”.

necessário, contudo, estabelecer a distância entre a história produzida naquele período para com o fazer histórico com o qual nos propomos a trabalhar, levando em consideração os contextos históricos de cada momento.

Percebemos, então, que a história recente era reconhecida como um rico campo de produção e pesquisa para a História, desde a antiguidade clássica. Todavia, a partir da institucionalização da História, entendida a partir da fixação absoluta da cientificidade, e a hegemonia da Escola Metódica/ Positivista, no século XIX, e mesmo ainda nos meados do século XX, a relação entre passado e presente se viu extinta, em prol da busca pela objetividade e neutralidade científica.

Desta forma, o aspecto subjetivo da ciência histórica passaria a ser condenado, descartando, assim, todo vínculo com as fontes não escritas, dando substancial preferência aos documentos oficiais. Mesmo durante a ‘Revolução’ historiográfica realizada pela Escola dos *Annales*, com o ressurgimento do aspecto humano da História, assim como o alargamento de fontes e métodos históricos, o presente não se encontrava enquanto campo para a construção da história-problema. O tempo histórico vigente e analisado era o tempo dos mortos.

Diante do dever e da necessidade de se impor no cenário científico como um meio legítimo de se compreender a sociedade, através do estudo dos homens no tempo, como disse Marc Bloch (2001) em “Apologia da história ou o ofício do historiador”, a História se deteve, por muito tempo, com suas vistas viradas apenas ao passado, mesmo que seus questionamentos se centrassem no presente.

A realização de uma História vista por meio e para o *presente* significaria, então, tratar de uma perspectiva de *tempo histórico* latente, inacabado, de pouco recuo. Como manter então a cientificidade da História, sem comprometer sua legitimidade, enquanto campo de saber? Se o objeto de estudo e o historiador estivessem situados no mesmo tempo histórico, como evitar o comprometimento da pesquisa e garantir sua imparcialidade? Não estaria o historiador exposto ao envolvimento emocional com seu objeto? Como lidar com o confronto de memórias ainda vivas?

Fora a partir da configuração de questionamentos sobre as turbulências do “Breve Século XX” e das heranças traumáticas das Grandes Guerras, em meados dos anos 70, e significativamente, por meio da formação do “Comitê de História da Segunda Guerra Mundial”, que o *presente* começaria a tornar-se fonte de inspiração para a análise histórica. Começaram, assim, as dúvidas quanto ao papel da história enquanto ‘ciência do passado’.

Acreditamos ser necessário ainda destacar a fundação do *Institute d'Histoire du Temps Présent* – em 1978 –, e de alguns historiadores como François Bédarida, René Remond, Luisa Passerini, entre tantos outros, que organizaram constantes debates e buscaram a legitimação tanto da produção no campo do tempo presente, como o reconhecimento do termo ‘História do tempo presente’.

Depois de uma participação incisiva os debates sobre a peculiaridade da história contemporânea e sua validade desde então, René Remond se dispôs à organizá-la e nomeá-la, fundamentalmente junto aos pesquisadores ligados ao Instituto de História do Tempo Presente, o *IHTP*, criado na França em 1978. A partir de então, pesquisadores como François Bédarida (seu fundador), J. F. Sirinelli e Luisa Passerini tornaram o debate mais amplo e consolidado na produção até o final do século XX³.

Segundo René Remond, para a construção e consolidação de um campo que pensasse a História através do presente, e do mesmo modo na instituição que seria responsável pelas respostas às demandas sociais para com a escrita histórica, era necessário:

[...] conceber quais seriam a natureza, a função e a finalidade dessa instituição original. Era preciso imaginar os temas, definir as coordenadas, escolher os rumos da pesquisa, inventar uma metodologia, descobrir novas fontes ou mesmo inventá-las. Formar uma equipe, criar hábitos (relativamente novos na profissão) de subordinação das preocupações pessoais aos objetivos comuns, promover uma pesquisa coletiva, estabelecer relações com as demais instituições. (REMOND, 2006, p.203-204)

A partir da institucionalização da história do tempo presente podemos pensar em dois pontos caros a esta: a memória e a história oral. Trataremos então sobre os papéis da memória e da história oral, na medida em que lhes são atribuídos novos objetivos e novas abordagens na contemporaneidade.

Quando afirmamos que tanto a memória quanto a história oral possuem um novo significado dentro do espaço temporal no qual nos inserimos, nos remetemos à resignificação que obtiveram quanto aos contextos sociais passados. A memória era utilizada para a produção de uma história política-monumentalizada. A produção de uma ‘história verdadeira’ surgia através das memórias embutidas nos documentos escritos – pensando a influência da

³ MEDEIROS, Sabrina Evangelista. Da historiografia francesa do Tempo Presente ou “para não dizer que não falei das flores: lembranças após a morte de René Remond”. Disponível em: <file:///C:/Users/karol/Documents/http%20aedos.pdf>. Acesso em: 20 de Set. 2014.

escola positivista – enquanto que sua utilização na história do tempo presente se esboça através de profunda análise crítica e da historicidade de seu conteúdo.

Da mesma maneira a história oral é reelaborada, absolutamente distante da história feita através de testemunhos, por Heródoto ou Tucídides. Ela será repensada através da produção de projetos, de processos que exigem a utilização de tecnologias (gravadores, celulares, câmeras, etc), tendo ainda uma perspectiva específica, quanto aos objetos de estudo, atribuindo-lhe o viés da *história vista de baixo*, prezando pelo estudo acerca das minorias.

Há necessidade ainda de esclarecermos sobre a questão da demanda social perante o crescente interesse do ‘grande público’ sobre a História. Conforme explica Marieta de Moraes Ferreira, a inserção do historiador dentro dos meios de comunicação de massa, a partir dos anos 1970, abriu espaço para a produção de estudos autônomos em relação aos muros acadêmicos. Contudo, existem ressalvas que perpassam pela objetividade e criticidade do fazer histórico e o risco de contaminação da história pelo “juízo midiático”:

O *boom* das memórias, o interesse crescente do grande público, tem ampliado o espaço dos historiadores nos meios de comunicação e nas publicações para o grande público, mas ao mesmo tempo apresenta de ter de transpor e adequar seus conhecimentos para se comunicar com o público não especializado [...] Nesse quadro é preciso estar atento à instrumentalização da história pela demanda social e repensar o vínculo entre função social da história. (FERREIRA, 2012, p. 110).

Procuremos então compreender as discussões em torno da utilização da memória enquanto objeto e fonte de estudo para a história. Seria esta relação frutífera ou conturbada? Beatriz Sarlo (2007) em seu livro “Tempo passado – Cultura da memória e guinada subjetiva”, desenvolve o argumento central para a resposta à pergunta exposta acima. A autora afirma que se deve ter precaução diante do excesso de uso da memória, pois esta memória tem poder discursivo, e por isso exige um estudo, visando sua inteligibilidade. Sendo assim, acredita que seja “[...] mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar”. (SARLO, 2007, p. 22). Sarlo cita o exemplo conflituoso das memórias do Holocausto:

Nas últimas décadas, a história se aproximou da memória e aprendeu a interrogá-la; a expansão das histórias orais e das micro-histórias é suficiente para provar que esse tipo de testemunho obteve uma acolhida tanto acadêmica como midiática. O “dever de memória” que o Holocausto impõe à história européia foi acompanhado pela atenção dada às memórias dos sobreviventes e aos vestígios deixados pelas vítimas. Contudo, é preciso problematizar a

extensão dessa hegemonia moral, sustentada pelo dever de ressarcimento, feito sobretudo de memória. (SARLO, 2007, p. 43).

Ferreira (2012) destaca historiadores como Henry Rousso, François Bédarida e Philippe Joutard, que procuram conduzir um debate quanto à relação entre história e memória, levantam a questão-problema da sacralização da memória. Estes autores se aproximam também ao entenderem que o diálogo entre história e memória é possível, desde que esta última seja considerada como fonte de inspiração, e tratada de forma crítica.

Pensando a historicidade do debate em torno da relação entre memória, história e o mundo do subjetivo, Ferreira (2011) destaca o período de vigência das mentalidades na historiografia francesa, como palco dos nascentes trabalhos entre história e memória. Aponta o historiador Philippe Ariès, como um dos primeiros autores a recorrer ao diálogo entre história e memória, dentro desta perspectiva, em que analisou o papel de rituais comemorativos em detrimento ao fortalecimento dos laços familiares ao fim do século XVIII e início do XIX.

Quanto à utilização da memória enquanto meio de compreensão do tempo presente, por meio da História, Márcia Maria Mendes Motta (2011) aponta a problematização da memória construída durante o Nazismo, e o estudo da construção da identidade alemã e do poder simbólico exercido por meio da construção de uma memória hegemônica:

A querela dos historiadores opunha assim visões distintas sobre o passado, ou melhor, sobre as leituras que o passado nazista tinha no presente, sua inscrição ou exclusão, nos monumentos e museus a serem construídos para a concretização de uma identidade e de uma unidade desejada. Mas não era somente na Alemanha que se reunificava que a questão parecia candente. (MOTTA, 2011, p. 22)

A autora destaca as “querelas dos historiadores” quanto às divergentes interpretações das memórias construídas do Pós-Segunda Guerra Mundial, debates que se concentravam em diversos países da Europa, a partir do início dos anos 1980. “Na Alemanha, na França, na Itália, em vários países os “Protagonistas anônimos da história” [...] produziram interpretações conflitantes sobre o passado e leituras diversas sobre a permanência do presente” (MOTTA, 2011, p. 23). Sendo assim, percebemos que as reflexões em torno da memória, e seus usos para a história, consistem em permanentes debates, que ainda hoje não chegaram a um relativo consenso.

Pensaremos, por fim, na concepção da história oral, mediante o contexto social contemporâneo. O historiador australiano Alistair Thomson, discorre que “Nos últimos anos

os historiadores têm relutado em aceitar o testemunho oral como pura e autêntica “voz do passado”, preferindo explorar os processos de afloramento de lembranças e “recompor” as reminiscências por eles registradas” (THOMSON, 2013, p. 06). Esta posição tomada pelos historiadores orais deu-se a partir da reavaliação de suas perspectivas, tendo em vista as várias críticas em desfavor da história oral, caracterizando-a como não confiável, devido ao caráter volátil e tendencioso da memória, além do desdém quanto aos temas favorecidos pela oralidade: as mulheres, os trabalhadores e comunidades minoritárias.

Existem ainda posições quanto ao valor da história oral, para a sociedade e para o meio acadêmico, enquanto possibilidade de construção de uma disciplina, voltada para a compreensão e ampliação dos estudos que envolvam esta metodologia. O historiador José Carlos Sebe Meihy promove esta discussão, colocando-se contra posicionamentos de historiadores como Josep Fontana, que considera a história oral uma “[...] aberração que chega ao extremo quando pretende converter em disciplinas o que é simples técnica de trabalho” (MEIHY, 2011, p. 79). Meihy se pronuncia quanto à função social da história oral como disciplina:

[...] desde o início é preocupação da história oral com o compromisso social marcado pela “voz dos excluídos”, revelação de aspectos desconhecidos, ocultos e desviados, não expressos nos documentos oficiais e escritos e, sobretudo, a denúncia de sofrimento extremo de grupos maltratados por situações variadas. Todos os itens indicados não ocultam a intenção de gerar atitudes políticas instruídas através da experiência das pessoas que viveram processos repressivos ou exclusão social [...]. (MEIHY, 2011, 78).

A história oral será compreendida, enfim, como um meio moderno de produção de fonte histórica, demonstrando sua eficiência na produção de uma história socialmente comprometida, o que demonstra a superação do vínculo apenas acadêmico do fazer histórico. Assim “surgem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica” (THOMSON, 2013, p. 04).

Objeto de estudo e metodologia de pesquisa: a memória e a história oral no tempo presente

Para a História do Tempo Presente o significado da memória tem se transformado, desde as últimas décadas do século XX, em uma questão de peso inquestionável. O jogo de

conjunturas e demandas sociais do Pós-Segunda Guerra Mundial vem transpondo no campo da História novas vertentes, que se preocupam em acolher e responder às sensações sociais de esquecimento e perda.

Quais seriam os cuidados necessários para se tratar da memória, enquanto objeto de estudo da ciência histórica? Qual o alcance da imposição deste objeto tão esparso e instável no trabalho do historiador? Por responder às demandas sociais do hoje, a memória do passado ainda presente, seria questionável? Estas são questões com as quais o historiador que trata do tempo presente deve, obrigatoriamente, prestar a devida atenção.

Michael Pollak destaca a memória como, sobretudo, um fenômeno coletivo e social, que pode ser submetido às transformações, flutuações, de aspecto inconstante. (POLLAK, 1992). Mas afirma também: “Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. (POLLAK, 1992, p. 2001). Sendo assim, a memória, tomada como objeto de estudo, deve ser analisada sob olhares meticulosos.

Apesar de possuir um corpo instável, a memória transporta à história, e especialmente à história do tempo presente, uma perspectiva mais vívida do passado. Pierre Nora estabelece uma concepção, um tanto quanto apaixonada, de memória, em comparação a outra, de história:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toas as transferências, cenas, censuras ou projeções [...] (NORA, 1993, p. 7 e 9, Apud SCHIMIDT).

Além de estar atento à versatilidade da memória, o historiador deve compreender que seu papel, enquanto pesquisador desta memória, não é o papel de um juiz, disposto a responder por uma verdade universal e incontestável, através de seu veredicto. Ele deve se

atentar às disposições críticas de sua fonte, como em qualquer outro tratamento teórico-metodológico de pesquisa. Não se trata, assim, de defender um ponto de vista por aspectos afetivos ou de justiça, mas sim de estabelecer um distanciamento e desenvolver um diálogo de historicização crítica da memória.

Já quando tratamos da história oral como metodologia de pesquisa, propomos compreendê-la através de um processo sistêmico, tanto para sua produção quanto para sua análise. O primeiro ponto a ser colocado é de que se trata de um método específico do tempo presente. Não seria possível concebê-la, vista tal como hoje o é, em nenhum momento histórico senão no momento tecnológico da contemporaneidade. A que se deve tal restrição? Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy (2011), a história oral *moderna* necessita, incondicionalmente, do suporte tecnológico dos meios de gravação de voz.

A moderna história oral depende de recursos eletrônicos na medida em que estes se colocam como meios mecânicos para auxiliar não apenas na gravação em seu momento de realização, mas, sobretudo depois, quando se presta à fase de transposição do oral para o escrito. Uma das características mais evidentes da história oral remete à constante utilização dos meios eletrônicos usados. Aliás, sem os recursos da aparelhagem eletrônica e mecânica de nossos dias, as entrevistas dificilmente teriam alcance em projetos de moderna história oral que, por sua vez, são pensados com a presença obrigatória desses artifícios. (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 21).

Meihy estabelece a relação da história oral com o tempo presente: “Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (MEIHY; HOLANDA, 2014, p.17). Desta forma, o adjetivo “viva” torna-se sua maior singularidade, na qual carrega também suas dificuldades, posto que seu recorte temporal está ligado ao tempo da vida, e exposto à inconstância do que está por vir. Contudo, tal dificuldade não incapacita seu desenvolvimento, desde que o historiador esteja ciente da possibilidade de validade temporária de suas hipóteses.

Quanto ao processo de interpretação da fonte oral, Michel Pollak procura ressaltar, de forma contundente, que a análise de fontes – independentemente de sua materialidade- é a mesma: “A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita” (POLLAK, 1992, p. 208). E sobre o papel da história oral e a crítica das fontes, aponta:

[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas sobretudo, temos novos campos. [...] Por outro lado, a multiplicação dos objetos que podem interessar à história, produzida pela história oral, implica indiretamente aquilo que eu chamaria de uma sensibilidade epistemológica específica, aguçada. Por isso mesmo acredito que a história oral nos obriga a levar mais a sério a crítica das fontes. (POLLAK, 1992, p. 208).

Tendo determinado que o rigor metodológico necessário na produção da pesquisa científica através da história oral é igual, como em outras perspectivas históricas, os desafios para a produção da história do tempo presente vão, aos poucos, sendo dissolvidos pela elaboração de métodos e teorias mais consistentes e eficientes.

As implicações metodológicas na História do Tempo Presente e suas especificidades

Tratar das implicações metodológicas dentro da perspectiva da História do Tempo Presente não significa, num primeiro momento, diferenciá-la por completo de outras perspectivas historiográficas e seus respectivos “modos de fazer”. Devemos, pelo contrário, posicioná-la num ponto ao qual o papel do historiador deve seguir certos procedimentos, como em qualquer outra linha de estudo histórico. François Dosse nos esclarece um ponto de vista essencial do campo com o qual aqui trabalhamos:

O historiador deve dizer que, a partir de seu “savoir-faire”, a partir de suas competências, a partir de seus arquivos, vai dar um ponto de vista, sem cair em um relativismo radical. Questões, dúvidas, problemáticas, ou impasses que ele traduz para o seu presente, justamente de seu lugar de enunciação⁴.

Os passos metodológicos acima descritos por Dosse delimitam o fazer histórico de qualquer historiador, independentemente de seu objeto de pesquisa. A exceção encontra-se, neste caso, no tempo histórico com o qual irá trabalhar. Sobre os aportes metodológicos da

⁴ Entrevista concedida à Revista Anteriores – História Agora, n. 7. Disponível em: www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no7/39/118-entrevista-comfrancoisdosse. Acesso em 20 jun. 2014.

História do Tempo Presente temos de considerar dois importantes aspectos: sua especificidade temporal e sua extensa gama de fontes.

Para melhor compreensão destes pontos chave da história do tempo presente, tomamos como parâmetro as discussões difundidas sobre o tempo histórico, na obra “Futuro passado” Reinhart Koselleck:

[...] desenvolveu uma singular perspectiva de que cada presente não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade – como propunham os Annales e outras correntes historiográficas do século XX – mas também de que cada presente ressignifica tanto o passado (referido na conceituação de Koselleck como “campo da experiência”) como o futuro (referido conceitualmente como “horizonte de expectativas”). Mais ainda, para Koselleck, cada presente concebe também de uma nova maneira a relação entre futuro e passado, ou seja, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade (BARROS, 2010, p. 66).

No caso do presente no qual nos inserimos, os trabalhos realizados no entorno da História do tempo presente percorrem por nosso campo de experiência (tudo o que se constitui como memória, vestígios, fontes), que respondem aos questionamentos latentes no presente, e que são compreendidos pela permanência de um passado não distante deste presente.

Mas como fazer a análise de um objeto contido num passado tão presente? São recorrentes as críticas quanto ao problema do curto recuo temporal da História do Tempo Presente, como no caso do historiador François Hartog, em seu livro ‘Regimes de historicidade’ (2013), no qual discorre, dentre outras questões, sobre a proximidade do “Presentismo” com a História do Tempo Presente, discussão na qual alega que tais historiadores compreendem o passado apenas pela perspectiva do presente. Buscando dar uma resposta a tal crítica, Henry Rousso argumenta sobre a necessidade de distanciamento do historiador face ao próprio presente. Presente este que compartilha com seu objeto de pesquisa:

Os historiadores não tinham nada a dizer sobre as questões da atualidade e iríamos “abandonar” todas (as análises) aos jornalistas e à ciência política? Não, isso é ridículo! Nós não fazemos uma história inacabada. Nós fazemos a história do inacabado. Nós assumimos o fato de que as análises que vamos produzir sobre o tempo contemporâneo, provavelmente, terão certa duração e que os acontecimentos vindouros podem mudá-las. [...] o que afirmamos é

que não somente a História deve ser levada em conta na análise do mundo. Não sei se conseguimos, mas o objetivo é ser capaz de produzir a História do nosso próprio tempo, tentando obter uma reflexão que permita um recuo relativo⁵.

A dificuldade de historicizar o objeto de pesquisa, além de perpassar pelo percurso temporal inacabado do objeto, também aponta para a dificuldade de discussões historiográficas com os pares. Discussões interdisciplinares acerca dos estudos na História do tempo presente vêm ao encontro das temáticas que se inserem num quadro de discussão historiográfica ainda pouco fluida, com o intuito de auxiliar nesta demanda ainda muito frequente dentro deste campo de estudo. Contudo:

[...] sempre será muito importante para um historiador ‘contextualizar’ o texto com o qual está trabalhando. Todo texto é produzido em um lugar que é definido não apenas por um autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto. (BARROS, 2004, p. 137).

Levantada a questão referente ao trabalho do historiador com seu próprio presente, lançamo-nos à outra especificidade da História do Tempo Presente: suas fontes. A capacidade de diálogo interdisciplinar desta linha historiográfica acarretaria na formação de um extenso leque de fontes como: periódicos; imagens; filmes; literatura; entre tantas outras. Tornou-se constante no estudo do tempo presente a diversificação na análise de fontes, assim como a problematização de novos fenômenos sociais da contemporaneidade, levando à adequação de metodologias, sendo algumas alheias à ciência histórica.

La ampliación de horizontes y de temas de estudio surgidos durante las últimas décadas obligan a los historiadores a innovar en su manera de pensar, investigar y enseñar. Por otra parte los nuevos sistemas de comunicación exigen un cambio de perspectiva en nuestra manera de mirar, escuchar o escribir. (VILANOVA, 1997, p. 33).

Reconhecida como um aparato metodológico legitimado pela História do Tempo Presente, a história oral se destaca como um meio para a compreensão de um fenômeno social em voga: a memória. Fora por meio desta abordagem metodológica, importada das ciências sociais, que historiadores passaram a interrogar questões em que se implica a memória, como

⁵ Entrevista concedida à Revista *Tempo e Argumento* – Fontes do Tempo Presente. V. 1, n. 1. P. 205-209 Disponível em: revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/705. Acesso em: 23 jun. 2014.

a fala, os gestos, o esquecimento e o silêncio. Quanto à história oral Mercedes Vilanova destaca:

Las fuentes orales debemos escucharlas em estéreo como la música, com registros diferentes para cada oído. Por um lado escuchamos lo que nos dicen y por outro oímos lo que no nos dicen, porque no lo quieren compartir, porque no lo saben decir, o porque no lo sabemos preguntar. [...] las fuentes orales pueden aportar la exploración de los silencios mayoritarios que no tienen cabida en los textos y pueden dar razón del porqué eso ocurre. (VILANOVA, 1997, p. 36).

Pesquisas realizadas com a metodologia da história oral tendem a priorizar “a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades “indescritíveis”, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono” (JOUTARD, 2000, p. 34). Por desenvolver uma forte relação entre a comunidade de destino⁶ e o pesquisador, críticas quanto à suposta excessiva subjetividade das entrevistas são recorrentes. Sobre esta problemática Sônia Maria Freitas argumenta:

Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito a sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omisso, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. Além disso, este século é marcado pelo avanço sem precedente nas tecnologias da comunicação, o que abalou a hegemonia do documento escrito. (FREITAS, 1992, p. 19).

De acordo com o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2014) para que se possa desenvolver um estudo a partir do suporte da História oral alguns procedimentos devem ser adotados: a elaboração de um projeto de pesquisa; a gravação das entrevistas; estabelecimento do documento escrito (transcrição) e sua seriação; análise do documento escrito; arquivamento; devolução social. É importante ressaltar que na realização das entrevistas

⁶ Comunidade de destino constitui-se por pessoas com as quais o Historiador estabelece contato durante sua pesquisa. Pessoas que possuem relação com os entrevistados, ou mesmo os próprios entrevistados.

pesquisador e colaborador⁷ devem estar presentes, no local previamente estabelecido para o encontro.

Ao elaborar seu projeto de pesquisa o historiador estabelece seu objeto de estudo, seus objetivos, suas justificativas, e todo o aparato que necessitará para realizar as entrevistas. Além disso, fazer história oral implica numa relação intrínseca da realização das entrevistas com instrumentos tecnológicos, os quais vêm se aprimorando ao longo do tempo, obrigando o historiador a se atentar para esta constante mutação tecnológica.

Durante a realização da transcrição do documento, o pesquisador deve focar no processo de transposição da fala para o escrito, respeitando rigorosamente a oralidade do entrevistado. Quando iniciar o processo de análise da transcrição, deve-se atentar ao objetivo proposto no projeto de pesquisa, e prováveis modificações neste. Por fim, devido ao propósito de análise da sociedade contemporânea por uma perspectiva quase sempre marginal, a devolução social faz parte não apenas de procedimentos metodológicos, mas também de comprometimento social.

Conclusão

Propor uma reflexão sobre aparatos metodológicos e objetos de estudo dentro da História do tempo presente mostra-se como um grande desafio, tendo em vista que este campo histórico se refaz continuamente, e como aponta François Bédarida “[...] Sua lei é a renovação” (BÉDARIDA, 2006, p. 221). Temos, então, a consciência de que as reflexões aqui apontadas podem tornar-se repentinamente obsoletas. Mas momentaneamente esperamos contribuir para a rica produção que se estende diante da História do tempo presente.

Percebemos que a relação entre história oral e memória, utilizados de forma a construir pesquisas em torno do tempo histórico presente, tem gerado estudos dos mais diversos eixos temáticos, dentro e fora da historiografia brasileira. Tem revelado ainda aspectos positivos quanto ao diálogo entre comunidades acadêmicas e não acadêmicas, transpondo as barreiras sisudas das universidades e evidenciando a função social da história.

⁷ Termo sugerido pelo historiador José Carlos Bom Meihy, para esclarecer a relação de colaboração entre historiador e entrevistado, este último estabelecido como colaborador.

Procuramos, enfim, destacar que a flexibilidade temática da História do tempo presente não implica em uma falta de objetividade ou mesmo cientificidade da mesma, visto que toda história está suscetível à mudança e que a escrita da história possui movimento e alterações. Mostra-se assim como um campo histórico fincado e legitimado perante seus pares.

Referências

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especificidades e abordagens*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História* ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: *Lembrança de velhos*. São Paulo: SP. T.A. Editor, 1979

DOSSE, François. *Entrevista com François Dosse*. In: História Agora – A Revista da História do Tempo Presente. Disponível em: << www.historiagora.com/revistas-anteriores/historia-agora-no7/39/118-entrevista-com-francois-dosse>> Acesso em: 20 jun. 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Demandas sociais e história do tempo presente*. In: VARELLA, MOLLO, PEREIRA, DA MATA. (Org.). Tempo presente & usos do passado. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, Vol. 1, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral: velhas questões, novos desafios*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FREITAS, Sonia Maria. *Prefácio*. In: THOMPSON, Paul. A voz do passado - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 18.

JOUTARD, Phillipe. *Desafios à história oral no século XXI*. In: História oral: desafios para o século XXI. Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. (Orgs) — Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

MEDEIROS, Sabrina Evangelista. *Da historiografia francesa do Tempo Presente* ou “para não dizer que não falei das flores: lembranças após a morte de René Remond”. Disponível: << <http://www.revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/139> >> Acesso em: 20 de Set. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: Como fazer, como pensar*. – 2. Ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *História, memória e tempo presente*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, silêncio*. In: Estudos históricos, Vol. 2, n. 03. Rio de Janeiro: 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Revista Estudos Históricos, Vol. 5, n. 1. Rio de Janeiro: 1992.

REMOND, René. *Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ROUSSO, Henry. *Sobre a história do tempo presente: entrevista com Henry Rousso*. In: Revista *Tempo e Argumento* – Fontes do Tempo Presente. V. 1, n. 1, Jan/Jun. Florianópolis: 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHIMIDT, Benito Bisso. *Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória*. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, Vol. 32, n. 1, jun. 2006.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e memória*. In: Revista Projeto História, n. 15, Abr. São Paulo: 1997.

VILANOVA, Mercedes. *La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente*. In: Historia oral, Vol. 1, 1998.